



Quando o ineditismo se encontra: o campo psicanalítico e a formação no contexto pandêmico

Aline Wageck

Membro Aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Gostaria de iniciar a minha fala agradecendo aos coordenadores da Comissão de Transmissão da FEPAL, Cecilia Rodríguez e Daniel Delouya, pelo honroso convite para compor esta mesa. A despeito das línguas faladas (português e espanhol) e da etapa em que se encontra cada um dos integrantes dessa mesa, temos em comum o desejo da escuta e, a partir disso, da possibilidade de troca. Essa heterogeneidade constitui algo absolutamente valioso, sobretudo quando se trata de um espaço que propõe pensar a formação e a transmissão da psicanálise, assunto caro a todos aqueles que, como nós, pertencem a esse circuito estimulante de transmissão e de absorção do conhecimento psicanalítico.

Desde que assumi a Presidência da Associação Brasileira de Candidatos em janeiro deste ano, algo que até então era conhecido de uma forma mais teórica, o quarto eixo institucional, passou a adquirir novos contornos, aqueles que – acredito – apenas a vivência permite apreender. Penso que as vicissitudes às quais somos expostos quando entramos em contato com o ambiente institucional são essenciais, podendo ficar incompleta a noção da formação psicanalítica se não levarmos em conta esse vértice.

Muitas são as possibilidades de abordagem para tal discussão. Trans(formação), enunciado no título desta mesa, de imediato fez surgir algo em minha mente: a constituição da identidade analítica, assunto nuclear da nossa prática e em eterno estado de realização, núcleo temático da atual gestão da SPPA. Na qualidade de candidata, concluindo o quarto ano dos seminários teóricos na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e presidindo uma Associação representativa de candidatos, pretendo aqui contribuir a partir de um vértice que vem ocupando espaço expressivo nas atividades promovidas pela ABC ao redor do Brasil, ocupadas exclusivamente por candidatos. Refiro-me à nova realidade que nos foi imposta, acarretando que tanto o ingresso como a conclusão dos seminários - marcos importantes da formação, incluindo a aguardada chegada do divã e do primeiro paciente de análise, assim como as análises didáticas on-line - fossem necessariamente adaptados e modificados. Há algo de inédito e um tanto assustador na maneira como estamos vivendo isso, dadas as proporções e a convocação a nos aventurarmos em um terreno desconhecido. Penso que também possui um potencial enriquecedor e amplificador, pois o que conhecíamos até então, certamente inestimável, está ganhando novas páginas em sua construção. Acredito ser um privilégio que possamos contribuir a partir de tantas possibilidades que a pandemia nos obrigou a contatar e a pensar.



Feitas essas ponderações, pretendo abordar o seguinte fio condutor: *o que ocorre quando os cenários inéditos na clínica são sobrepostos a outras vivências inéditas da formação psicanalítica?*

O ingresso de todo candidato em uma Sociedade é um marco que dificilmente ocorre isento de emoções, fantasias, ansiedades e expectativas. Chegar a um lugar apresenta estreita relação com ser recebido nesse lugar. Há uma ênfase no papel dos Institutos e das Comissões em contribuir, ou não, na transformação de tais fantasias em uma experiência passível de ser lembrada por cada um de nós. Ao longo desses 10 meses de nossa gestão à frente da ABC, meus colegas da Diretoria e eu preocupamo-nos em incluir, em nosso calendário científico, os colegas que estavam ingressando na formação, ainda que não sócios da Organização. Foi uma decisão de caráter excepcional. Entretanto, à medida que esses colegas foram participando, tornou-se evidente o papel que o grupo representado pelos associados da ABC tinha perante cada um dos recém-chegados. Refiro-me à sensação de ser recebido pelo outro, não apenas chegar a um lugar. Isso também é válido para os colegas que encerram seus seminários e que, conhecendo uma realidade diferente daquela existente no começo da formação, precisam despedir-se de seus espaços de construção de outra maneira, a possível.

Eu, da mesma forma que muitos outros colegas, tive o privilégio de um rito introdutório quando ingressei. O significado dos ritos, do acolhimento, não precisa ser detalhado aqui, é conhecido suficientemente bem por todos nós. Quanto aos candidatos que chegaram este ano na formação, assim como os que se despedem, como fica todo esse processo que, antes habitualmente repleto de realidade e concretude, tornou-se virtual?

Solicitei a alguns colegas candidatos que enviassem seus pensamentos, os mais livres possíveis, acerca do que experimentam nesse momento. Suprimo os nomes e as Sociedades as quais eles pertencem, pois o conteúdo é o que pretendo destacar. Mais do que as minhas impressões, ouvir diretamente quem vive a experiência confere fidedignidade a respeito da reflexão que aqui proponho.

Seguem os relatos. O primeiro, fornecido por uma candidata que ingressou nos seminários este ano; o segundo, de outra colega que está concluindo os seminários.

Relato 1:

“A sensação vivida diante da interrupção dos seminários da formação foi como a ‘desmaterialização de um sonho – já em processo de realização’. Algo assim, pois o ingresso na formação é precedido por todo um trabalho emocional e racional que envolve a escolha do momento, disponibilidade afetiva, temporal, familiar, financeira... enfim, é uma passagem biográfica significativa para quem se dedica à psicanálise. Senti que todo esse trabalho mental e emocional foi em vão e, o pior, sem previsão de continuidade, já que nosso corpo didata é reduzido, sendo todos do grupo de risco. Foi muito frustrante essa realidade impensada, após desfrutar do primeiro seminário, sentir



a turma e o clima do 'algo' que se iniciava, injetando expectativas ainda mais vivas. Foi triste e lamentável.”

Relato 2:

“Daqui a dois meses concluo os seminários teóricos da formação. Tenho a experiência de seminários presenciais e virtuais para comparar, e avalio que a apreensão da teoria psicanalítica é totalmente possível nos seminários online. A discussão com o grupo e com os professores foi tão rica como costumava ser nos seminários presenciais. Além disso, é uma oportunidade ímpar estar em seminário neste 2020, em que a teoria e a clínica psicanalítica estão sendo reinventadas! Se eu tivesse concluído os seminários no ano passado, como estava previsto inicialmente, teria perdido este espaço privilegiado de troca de experiências com colegas e professores que compartilham ao vivo as suas reinvenções como analistas. O grupo também tem seu papel continente neste ano tão tumultuado para todos nós. Evidentemente, existem também algumas perdas. Todos nós realizamos imensos sacrifícios (financeiros, familiares, profissionais) para fazer a formação psicanalítica, e esses sacrifícios ficam ainda maiores em meio a uma pandemia. Algumas vezes falta espaço mental para dar conta dos estudos, pois o tumulto externo se impõe. Também acredito que a vida social (os encontros nos intervalos, o café depois dos seminários, as jantares da turma) é um aspecto vital da formação, pois são nesses momentos que os alunos compartilham e contêm as frustrações com a formação. Nestes espaços são combatidas idealizações, cria-se uma visão crítica de professores e teorias, sedimenta-se o conhecimento e a vivência institucional, cria-se a identidade psicanalítica. Este aspecto, na minha visão fundamental para a formação, fica prejudicado com os seminários online. Mas na balança o saldo continua positivo, ainda mais considerando toda a conveniência de fazer os seminários no conforto de casa. O instituto de minha Sociedade prontamente adaptou-se e se flexibilizou, criando um formato online que atendesse as necessidades e pedidos dos alunos. Os professores de forma generosa e competente se aventuraram em novas tecnologias, mantendo-se firmes na sua vocação de ensinar. Instituto e professores forneceram este ano um rico modelo de identidade psicanalítica, ancorada na flexibilidade, adaptação e modernidade, sem abrir mão da consistência teórica.”

Quando nos propomos a pensar estimulados por essas opiniões, as quais constituem uma pequena amostra de um universo de colegas que hoje enfrentam tal realidade, surge uma gama de questões. Os relatos sublinham a valorização e o protagonismo dos Institutos, Organizações e Comissões como espaços organizacionais e de continência. Por isso, aproveito para agradecer a minha inclusão nessa mesa, pois me permite, na condição de candidata, agradecer aos senhores pela abertura para que eu possa trazer considerações referentes à formação.

Convido-os a pensar no papel dos Institutos e Comissões inseridos no contexto atual e, para tanto, trago alguns questionamentos. Será que estamos diante de uma



nova dinâmica dos Institutos, uma outra forma de apresentação? Podemos dizer que as antigas premissas não contemplam mais aquilo que hoje nos é requerido? Diante de tantas reformulações no setting que o momento acabou por determinar, estamos também passando por reformulações na dinâmica das relações candidatos-Institutos? Há mudanças? Devem haver? Quais seriam?

Por fim, a pandemia afeta a identidade analítica institucional? Penso que para respondermos a essa pergunta devemos incluir algumas variáveis. Sugiro que consideremos uma equação etiológica, composta por características individuais dos candidatos + resposta institucional (Sociedades). Desde março, acompanhamos através dos candidatos as mobilizações dos Institutos e a partir disso, respostas variadas considerando particularidades locais. Tornou-se evidente o papel destacado dos Institutos nessa equação, visto deterem a capacidade de fomentar, ou não, a possibilidade de organização e, com isso, a manutenção da formação.

Encaminhando-me para as considerações finais, remeto a uma passagem do texto escrito pelo Dr. Cláudio Eizirik para um livro ainda não lançado, cujo título é *Dear Candidate*, organizado por Fred Bush. Ao longo do escrito, Cláudio propõe reflexões e oferece conselhos aos candidatos. O autor relata que, quando olha para trás, enxerga um mundo muito diferente em comparação àquele no qual fez a sua formação. Diz que o mundo parecia maior, as comunicações mais difíceis e as viagens mais caras.

Inspirada por esse material, pensei que, se fosse compartilhar uma carta com meus queridos colegas candidatos, escreveria que, um dia, o mundo, que Cláudio nos disse lá atrás que parecia maior, aparenta hoje estar mais constricto em suas possibilidades, uma vasta parte de nossas vidas acontecendo mediadas por telas, as viagens não podendo ser usufruídas no momento. Mas complementaria que, a despeito disso, seguimos com coragem pensando a Psicanálise, trabalhando muito e tendo uns aos outros. Por enquanto, limitados a espaços como esse, até que os tão desejados encontros presenciais tornem-se possíveis outra vez. Até chegar tal momento, que não percamos a capacidade de nos questionarmos, de redefinirmos as rotas sempre que necessário e, sobretudo, de sermos protagonistas na escrita dessa história.

Muito obrigada!